ANO 8.º — Sexta-feira, 11 de Junho de 1915 — NUMERO 374

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(*)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

As eleições

Estâmos a dois dias do acto eleitoral o que quer dizer que pouco viverá quem não chegar a vêr o resultado da luta travada entre os partidos que se aprestam cada qual por conseguir maior numero de representantes no Parlamento que dentro em breve abrirá as suas portas aos novos delegados do Povo junto dos poderes constituidos.

São dois dias em que muito se faz e muito se desmancha, em que a intriga fervilha, o espirito se perde em conjecturas, sucedendo as mais das vezes que os que melhores calculos fizéram são aqueles que mais se enganaram. Já assim acontecia nos tempos idos da *ominosa* e não devemos ter ilusões ácêrca do que atualmente se passa para julgarmos o presente como modificado por fórma a tirarmos conclusões que de cérta maneira aniquilem as causas determinantes que nos levam a assim falar.

E se não vejâmos: exceptuando Lisboa e Porto, onde se vê que os candidatos se apresentem perante o eleitorado a desfiarem o seu programa, a propagarem os principios republicanos? Reduzidissimo é o numero dos logares onde nos conste que os candidatos propostos tenham dito da sua justiça.

E' um grande erro e uma gráve falta, mais gráve do que parece, que, quantos veem solicitar do povo o seu voto, se lhe não apresentem, dizendo, ao menos, o que em proveito dele pretendem fazer.

Entre nós apenas dois dos candidatos a deputados se apresentaram aos eleitores não tomando os outros o mais simples compromisso, nem fazendo a mais insignificante declaração de fórma que o povo possa ámanhã pedir-lhes contas da falta de cumprimento dos seus deveres. Tal procedimento exige de todos os que defendem e perfilham os principios republicanos a mais completa e formal condenação. Que nenhuma outra significação assistisse ao acto, ele, contudo, traduziria uma merecida deferencia para quantos esses mesmos individuos apélam por todas as fórmas e procéssos.

Em compensação, porém, muitos que tinham a obrigação moral de assim proceder, arvoraram-se em batedores de todos os bêcos e viélas, montes e vales, substituindo a propaganda, por todos os principios util, pela desvergonhada caça ao voto, passando por cima de tudo, calcando tudo, numa ancia, numa sofreguidão digna de especial registo.

E tanto isso mais se nota, quanto é reconhecida no candidato a sua proverbial e velha incompetencia e insignificancia.

E verdade, verdade, não são infelizmente poucos os que nestas condições teem o desplante de se apresentarem ao sufragio com a sanção duma colectividade a quem cértamente lhe está destinado outro fim, que não aquele que infelizmente estâmos vendo, isto é: sacrificar aos interesses mesquinhos duma *cotterie* ou ás condenaveis vaidades de qualquer *quidam*, os altos destinos da nacionalidade levando ao seio da representação nacional creaturas que não teme a distingui-las a mais simples qualidade digna do cargo que pretendem ocupar.

Mas... as cousas são o que são, infelizmente, e não seremos nós que as modificaremos.

Contudo contra elas protestâmos e protestaremos sempre.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Administrador de Estarreja

A instancias do sr. governador civil do distrito, foi nomeado administrador do concelho de Estarreja o director deste jornal que ali se encontra desde que tomou posse na quarta-feira ultima.

Este facto não implica qualquer alteração na saída do *Democrata*, podendo todos aqueles que tenham comunicações a fazer ao nosso colega continuar a dirigir a sua correspondencia para Aveiro onde deixa pessoa encarregada de a fazer chegar ao novo destino.

O sr. Camacho

—(*)—

Esta interessante declaração do chefe do partido unionista vem publicada na *Lucta* de 16 de maio, isto é, logo em seguida á quéda da ditadura de que o sr. Brito Camacho se afastou nas vesperas da revolução por, na partilha das candidaturas feita no ministério do Interior, não ficar satisfeito com o numero de deputados distribuidos ao seu partido:

> «... Sentimos que nos foge a saude, e uma velhice precoce indica-nos que devemos afastar-nos para dar logar aos novos, aos sãos e robustos.
>
> Nunca tivémos ambições politicas, e neste momento quasi nenhuma outra ambição temos senão a de nos apagarmos na sombra de uma honésta mediocridade, entregue ás predilecções do nosso espirito.»

Como o sr. Brito Camacho se afasta *para dar logar aos novos, aos sãos e robustos*, está-se a vêr. Pois não tem sido ele toda a vida um sacrificado? E o que hade ser da politica portuguêsa sem o seu esforço, o seu concurso, a sua... rabulice?

Vale quanto pésa, este sr. Camacho...

E nunca cria bolôr...

Inqualificavel

—(*)—

O que se está passando á roda da nomeação dum oficial de deligencias!

Logar provido já por um decreto ditatorial conseguido pelo Conde de Agueda a instancias de Jaime Silva para um individuo que pouco mais sabe do que fazer o seu nome, a questão, em que entrava tambem, como pretendente, um taberneiro local, estava resolvida se não fosse, como é justo que seja, anulado o despacho para que alguem, com mais direito e competencia, o vá desempenhar com honestidade, correcção e delicadésa.

Ora sucéde que havendo quem se apresente nas condições exigidas, nas instancias superiores se estão creando obstaculos á nomeação porque o sr. Barbosa de Magalhães se opõe a que para o logar entre um republicano, como tal reconhecido pelas comissões locaes, sem querer saber do resto e fazendo gala no papel que desempenha a pedido dum reconhecido inimigo da Republica, que não só tem sistematicamente feito contra ela a maior propaganda, mas ainda se gaba de possuir influencia dentro do proprio partido democratico, que, com especialidade, mais ataca numa gasêta que aí sáe todas as semanas, sempre que para isso lhe dá na venêta. Quer dizer: o sr. Barbosa de Magalhães serve de instrumento, favorece aqueles que por nenhum principio devem ser atendidos e fa-lo com tanta ou mais consciencia quanto é cérto não desconhecer o passado do figurão que pretende obsequiar, um dos oradores do célebre comicio da Fogueira e portanto creatura abominavel para os republicanos, que, deixem-nos já ir dizendo, hão-de lavrar um protésto, mas um protésto veemente se a tal nomeação recaír no taberneiro por quem o ex-ministro da justiça se empenha a ponto de a ter prometido sob a sua palavra, e do amigo, que o não é da Republica mas do sr. Barbosa de Magalhães, por conveniencia, contar com ela como coisa cérta.

Sempre queremos vêr. E' até uma prova que devéras nos está a interessar pois nos hade servir ainda para muito no dia em que resolvermos trazer a lume o que politicamente se passa nesta terra de vergonhoso, baixo e indigno.

Ficâmos de atalaia. Sentinéla vigilante á espera de que o sr. Barbosa de Magalhães leve por deante mais esta afronta aos republicanos de Aveiro.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

FANTASTICO

Vêmos atribuidas na imprensa ao sr. Antonio José de Almeida estas palavras ditas a um jornalista espanhol que entrevistou o chefe evolucionista:

> «Não é justo chamar ditadura ao govêrno Pimenta de Castro. Não perseguiu ninguem, não fez mal a ninguem, não calcou as leis fundamentais do país e da Republica. Abriu as fronteiras aos desterrados, deixou que a imprensa, tanto a republicana como a monarquica, se desenvolvesse com toda a liberdade, ...

e fóra o mais que o sr. Antonio José disparatadamente cita sem respeito algum pela verdade e na louca ambição de defender o que não tem defêsa possivel.

Triste papel!

Ante os eleitores

Candidatos que disputam o sufragio nas eleições geraes do dia 13

CIRCULO N.º 13 (AVEIRO)

Lista democratica

PARA DEPUTADOS:

Antonio Maria da Cunha Marques da Costa, medico
Ernesto Julio Navarro, engenheiro
João Elisio Ferreira Sucêna, advogado

PARA SENADORES:

Elisio Pinto de Almeida e Castro, funcionario publico
Agostinho José Fortes, lente da faculdade de Letras

Lista unionista

PARA DEPUTADOS:

Julio Cesar Ribeiro de Almeida, 1.º tenente de marinha
Luiz de Brito Guimarães, professor e bacharel em filosofia.
Alfredo Balduino de Seabra Junior, capitão de artilharia

PARA SENADOR:

Alberto da Encarnação Ribeiro, general do quadro de reserva

Lista evolucionista

PARA DEPUTADOS:

Carlos Gomes Teixeira, oficial do exercito
Alvaro Marques Machado, medico
Eugenio de Barros Soares Branco, oficial de marinha

PARA SENADORES:

Leão Magno Azedo, medico
André dos Reis, advogado

CIRCULO N.º 14 (O. DE AZEMEIS)

Lista democratica

PARA DEPUTADOS:

Antonio Correia Portocarrero Teixeira de Vasconcelos, coronel de artilharia
José Maria Vilhena Barbosa de Magalhães, professor da faculdade de direito de Lisboa
Pedro Virgolino Ferraz Chaves, advogado

Lista unionista

João José Diniz, industrial
Gaspar Inacio Ferreira, tenente de infanteria

Lista evolucionista

Angelo de Sá Couto da Cunha Sampaio e Maia, advogado
José de Oliveira Gomes, oficial do exercito
Joaquim José Luiz Fernandes, medico

Além destes nomes aparecem mais os de tres catolicos e o do conhecido advogado e notario désta cidade, Joaquim Simões Peixinho, monarquico, mas com a capa de *independente*, lançado como candidato a senador, pelo que o recomendâmos de preferencia aos correligionarios do Conde de Agueda, que nele devem continuar a vêr o mesmo esteio politico dos tempos aureos de grande predominio...

A não ser que a *formiga branca* tivésse feito das suas...

João Chagas

Tem obtido sensiveis melhoras, podendo-se dizer que vai em via de cura, o que devéras estimâmos, este intemerato republicano, vitima do atentado do Entroncamento.

Conforme os desejos manifestados por um distinto oficial do exercito, admirador do vigoroso jornalista e velho revolucionario, que nos enviou, para serem distribuidos pelos pobres do *Democrata*, dois escudos, como satisfação por ter escapado á morte traiçoeira que lhe esteve iminente, desse encargo nos desempenhámos, distribuindo-os da seguinte fórma: a Estevam de Matos Bandarra, rua do Seixal, $50; a Feliciana Pereira, rua do Carril, $50; a Adelaide Vilaça, rua da Corredoura, $50 e a Luiz dos Reis, rua de S. Martinho, $50.

Em nome dos quatro contemplados o profundo reconhecimento a que os leva a acção meritoria do generoso bemfeitor.

VERGONHOSO

Que um republicano (?) e além disso *democratico* tem andado a pedir votos para o sr. Brito Guimarães, unionista, disséram-nos.

Faz a creatura muito bem. Quer governar a vidinha e como não tem nem nunca teve senão falsas convicções, segue-se que outro não podia ser o seu papel, a menos que tivésse degenerado...

COISAS NOSSAS

Tendo a policia recebido ordens superiores para não deixar atravessar o Largo da Republica nem a Arcada gente com carregos, supunhamos nós que essa medida, aliás acertada, continuaria a seguir-se sem alteração, mas pelo que se vê não acontece assim. Tudo quasi que voltou á antiga pouco faltando para que se pratiquem os mesmos abusos que era frequente observarem-se por aqueles sitios, o que, francamente, depõe muito em desabono da autoridade.

Coisas nossas, dirão. Mas contra as quaes é preciso reagir para que não se apliquem algum nome menos honroso.

Os civis na revolução

Um antigo colaborador do "Democrata,, que, pela terceira vez, se arrisca pela Republica

E' com o maior desvanecimento que para aqui trasladâmos dum jornal de Lisboa uma entrevista que lhe concedeu o nosso excelente amigo e antigo colaborador do *Democrata*, Manuel Dias Ferreira, o *Aido de Cima*, tão apreciado pelos seus escritos de propaganda publicados antes do 5 de Outubro e que desde a tentativa revolucionaria de 28 de Janeiro até ao 14 de Maio se vem distinguindo como um audacioso e intrepido combatente ao lado dos que mais se sacrificam pelo ideial republicano de que é um fervoroso apostolo.

Nascido em Cacia, freguezia do concelho de Aveiro, Manuel Dias Ferreira tem ainda a eleva-lo no nosso conceito o nobilissimo caracter que possue, não havendo um só dos seus conterraneos que deixe de lhe tributar aquéla estima que um homem nas suas condições merece e a quem escreve estas linhas traz preso desde a longa e saudosa temporada de camaradagem neste jornal.

Mas nós não queremos dizer mais do que já dissémos de *Aido de Cima* quando lhe prestámos néstas colunas a homenagem que lhe era devida, como propagandista e revolucionario após o 5 de Outubro. O que tão sómente desejâmos é arquivar tambem a sua acção no movimento de 14 de Maio, com o valor que resalta das palavras que acompanham a narrativa feita ao jornalista que o entrevistou, e em circunstancias taes só a transcrição nos resta, folgando em poder dar aos leitores do *Democrata* noticias do apreciavel cronista *Aido*, ha tanto arredío déstas colunas.

Segue, pois, a entrevista:

Quem visse agora o sr. Manuel Dias Ferreira á sua secretária de burocrata, a penna traçando sobre o papel selado uma caligrafia serena, larga, quasi desenhada, só a custo acreditaria que a pólvora lhe enegrecia ainda ha pouco as mãos e que ele foi, no movimento insurrecional que acaba de desenrolarse nas ruas de Lisboa, um dos revolucionarios cuja acção se distinguiu em diversas missões cheias de risco e das quaes fala, sempre que alguem procura a esse respeito ouvil-o, com reticencias de escrupulo e uma relutancia que o força a ser menos que parco nas palavras. E, todavia, esse burocrata, cuja banca, cuidadosamente arrumada, revela logo o seu espirito de ordem, de arranjo e de metodo, é o mesmo *grande paizano* intrepido e audacioso, a quem os soldados da guarda fiscal, ao abandonarem o quartel de artilharia 1, que haviam ido, com ele, defender, erguiam vivas, sacudindo os *kepis* no ar.

—Tinha tanto que contar... são tantos os episodios—diz-nos, sorrindo—que acho melhor reservar tudo isso para a minha lareira de avô, se chegar a se-lo... Ao passo que no momento é tudo confusão e que todas as recordações se resentem da vida nervosa da precipitação e da febre das horas de luta, mais tarde, e quanto mais tarde melhor, as imagens e os episodios do 14 de maio terão, ao clarão fulvo da chama, a limpidez, a simplicidade, a emoção calma das historias que os velhos reservam para os seus serões de saudade...

Embora nos fizessemos um pouco desatendidos, não nos havia escapado o simbolismo da advertencia. Ficámos, pois, e dispuzemonos, o melhor que podiamos, num amplo *fauteuil* de juta, para ouvir. Compreendendo que toda a resistencia, ante o nosso gesto de pousar numa cadeira a nossa bengala e o nosso chapéu, se tornava baldada, Dias Ferreira decidiu-se a falar e, volvido um minuto de silencio, durante o qual mentalmente fizera entre tanta coisa que lhe lembrava, a sua opção, disse:

—Ha uma circunstancia que prova a precipitação com que o movimento foi organisado e que ele é quasi exclusivamente a obra espontanea da alma republicana. A maior parte dos grupos civis ignorava o santo, a senha e a contra senha da revolução, que eram, já isso anda dito nos jornaes, *Constituição*, *Liberdade* e *Republica*. Quer dizer que os dias de que se dispoz para organisar a insurreição foram tão poucos e que a necessidade de os aproveitar febrilmente foi tão grande, que nem tempo sobrou para levar ao conhecimento de toda a gente aqueles sinaes de identificação revolucionaria. Foi o que eu, o deputado Domingos Pereira e Carlos Pimentel tivémos ocasião de verificar logo na madrugada de 14, no Aterro, quando tomavamos contacto com os diferentes grupos que aguardavam a hora decisiva... A's tres e vinte, subitamente, os holofotes de bordo começaram a esgrimir na escuridão estrelada daquéla noite as suas laminas luminosas: depois foi o alarme das *sirénes*, erguendo no silencio do rio, que parecera morto até então, o seu *álerta*, e, epopaico, soberbo, unisono, enchendo o espaço, acordando-o e fazendo-o repercutir um côro de *hurrahs*, a que responderam logo tres tiros de peça e se seguiu o estalar duma viva fuzilaria. Era o começo da insurreição. Então, de terra, partiu um esplendido viva á Republica. Estavamos sós. As ultimas silhuetas de policias que aqui e além ainda ha pouco haviamos encontrado, tinham-se já sumido, e de ali a pouco ouvia-se o *Vasco da Gama* abrir fogo contra o quartel de infantaria 16, no Castélo, que se dizia ser uma das unidades com que o governo contava.

—Qual foi a sua principal acção no movimento?

—Désta vez empreguei-me, sobretudo no serviço de comunicações com a Junta Revolucionaria, que estava reunida em casa do major sr. Norton de Matos, ás avenidas novas, afastada, como vê, do teatro da sedição. Evidentemente, esse serviço estava ainda a cargo de outros, como Pinho de Lima, Carneiro Franco e Marinha de Campos, tendo sido feito, a principio, em automoveis e trens. Mas, assim que a luta atingiu o seu auge, não houve remedio senão a gente aventurar-se a pé. Perigos? Póde supôr, como o que corri quando, ao passar em Santos, incumbido pelo comandante Freitas Ribeiro, de me certificar da atitude da escola de torpedos, em Vale de Zebro, tive de refugiar-me por detraz das barracas da feira para não cair prisioneiro de cavalaria 2 e infantaria 16, que os revolucionarios atacavam...

Como se atribuia ao nosso entrevistado certa interferencia na adesão da guarda fiscal, procuramos ouvi-lo sobre esse pormenor do seu dia de revolucionario.

Interrompendo a descrição que nos fazia dos *postos á cossaco*, com que artilharia 1 e aquele corpo exerciam a vigilancia nas terras do parque Eduardo VII, falou-nos então assim:

—Foi bem simples. E se não veja: Saíra de casa do major sr. Norton de Matos, cujo ajudante era o capitão Jaime Augusto Pinto Gaspar, um valoroso republicano, que deu já as suas provas no 28 de janeiro e na revolução de outubro, e dirigia-me ao quartel dos marinheiros, quando, ao chegar á praça de Armas, o revolucionario Antonio Cunha Duarte me fez vêr a necessidade não só de se obter imediatamente a adesão dos postos de Desinfeção e de Santos, mas ainda de se armarem num e noutro novos grupos. Não tinha que objetar, e com esses civis tomei o caminho do primeiro daqueles postos, cujo cabo principiou por manifestar relutancia em me atender. Não desanimei e, voltando-me para os soldados, improvisei-me em orador, exortando-os a baterem-se pela Republica, que eles, por certo, amavam tanto como os que já estavam no fogo. *Mas o tenente Diniz? E' preciso ouvir o tenente Diniz*—exclamava o cabo a cada instante. E assim que vi as praças responderem ao meu apelo com vivas á Constituição e ao regimen, corri ao telefone—*Tlim! Tlim! Tlim!... para o posto de Santos...* —a convidar aquele oficial a aderir e a comunicar que nos preparavamos para ir ao seu encontro. Entretanto, os vivas não cessavam: soldados e populares confraternisavam. Depois procedi á distribuição do armamento pelos civis, seguindo néssa distribuição o criterio de preferir os que já haviam sido militares ou eram reservistas, o que não foi dificil de pôr em pratica. Bastava reparar na maneira como cada homem pegava na espingarda... E aí vae a pequena coluna, sob a soalheira vivificadora daquéla manhã...

—E o tenente?—inquirimos, como as crianças curiosas do fim que levam todas as personagens de qualquer historia.

—Não só não nos hostilisou, como deixou que os seus homens se reunissem a nós, pondo-se até á frente deles. E que mais quer que lhe conte?... Como vê, para lenda é ainda muito pouco. Mas já dá —não lhe parece?—para entreter os serões da velhice...»

Uma surprêsa

O sr. Joaquim Peixinho, conhecido advogado désta cidade, quiz fazer-nos a surpresa de se propôr como candidato a senador nas proximas eleições e o caso é que se bem o pensou melhor o fez. Nunca tendo sido deputado nem par do reino no tempo da monarquia, que serviu com *inexcedivel dedicação*, ao lado do Conde de Agueda, até á sua quéda, afigura-se-nos portanto, e a muitos, um caso singular o vôo que pretende agora ensaiar, sem que atinêmos com o fim que tem em vista, não obstante todos saberem que *não dá ponto sem nó* o douto bacharel formado em leis...

De mais, o sr. Joaquim Peixinho se valeu algum voto foi quando disfrutava aquéla situação especial que lhe advinha do logar que marcava na politica do distrito, que não por quaesquer simpatías pessoaes, atento o seu feitio, por onde tudo nos leva a crêr que anda marosca encoberta de combinação com determinados elementos desafectos á Republica.

Ainda se o sr. Peixinho se rotolasse de *catolico* para alcançar os sufragios dos pastores de almas a quem os bispos recomendaram apoio aos candidatos que como tal se apresentassem, mas agora *independente*!

Quem comerá essa patranha, tão descarada hipocrisia?

Movimento militar

Pela ultima ordem do exercito passaram ao estado maior de cavalaria os capitães, srs. Jorge de Mascarenhas e Antonio de Gusmão Calheiros.

Para o 8, da mesma arma, veem transferidos o capitão Santos Natividade e o tenente José da Costa e para infantaria 24 o capitão Andrade Peres.

O tenente de cavalaria Manuel Teles, que aqui residiu durante alguns anos, contando grande numero de amigos, foi colocado na guarda republicana e o tenente Nobre de Figueiredo como adjunto na secretaria do Colegio Militar.

Dentre as demissões vem a do tenente de cavalaria, Lourenço Casal Ribeiro, que egualmente fez serviço nesta cidade.

Lunáticos

As ultimas noticias recebidas do teatro da guerra dão conta de algumas vitorias parciaes dos alemães.

Essas pequenas vitorias pouco representam, visto as quatro grandes nações mostrarem em breve quanto vale o progresso, fazendo para isso valer os seus direitos, obrigando a intrusa Alemanha a render-se, sob a influencia directa dos seus valorosos exercitos.

Esta insignificante noticia veio trazer um animo novo à escoria de traidores que, contrarios a todos os bons portuguêses, suspira pelo aniquilamento da França e Inglaterra.

E' preciso que todos nós, portuguêses, conheçâmos o sentimento condenavel e anti-patriotico *desses poucos* que, vendo-se seguros, se atrevem a agoirar com firmeza o triunfo da Alemanha contra os nossos aliados e amigos.

Em logar de augurarem dias mais felizes e de se lembrarem que podemos ser tambem poderosos, preferem ser criados dos alemães!...

Pobres criaturas!

Haverá coisa alguma que pague a nossa soberania?

E' preciso conhecer e desmascarar esses sêres daninhos, os criminosos de lésa patria, para os quaes nem castigos, nem palavras, por mais significativas que sejam, são suficientes para os classificar.

A sua traição agora é grande, mesmo muito grande; não é para com um regimen é para com um país culto e civilisado que não quer entravar de fórma alguma a marcha do progresso ameaçado.

Este problema tem por base dois pontos principaes: ou a Inglaterra e França, impondo respeito pelo direito e justiça, ou a Alemanha com o seu sentimento imperealista querendo escravisar toda a Europa. Haverá em todo o mundo culto alguem que ouse levantar-se a defender semelhante aventura?

Só Portugal, este torrãosinho, berço de poetas e heroes, só este povo que tem tradições admiraveis de bravura, refugía alguns desvairados sem coração e patriotismo que querem pensar contra todo o mundo civilisado, contra o seu proprio interesse, desejando um cataclismo inegualavel.

Portuguêses, amantes da vossa patria! Olhae com manifesto desprezo esses vossos irmãos desnaturados. Desviae-vos deles, porque o seu convivio póde impestar-vos.

Depois da vitoria do progresso, quando a Alemanha tenha de desaparecer do mapa da Europa, ficará sem especie alguma de direitos aquele que tenha querido trair a sua patria, aquele que não soube ser português!

Aveiro, 9—VI—915.

A. Monteiro

Aqui p'ra nós...

Porque será que sendo o sr. Barbosa de Magalhães natural de Aveiro não apresenta a sua candidatura por este circulo? Pois não tem ele aqui familia, parentes *dispondo de larga influencia eleitoral*, **um orgão na imprensa, emfim todos os elementos necessarios para por eles ser elevado ao palamento?**

Porque será então que o sr. Barbosa de Magalhães, *com tantas simpatias nésta terra*, **que é a sua, se não propõe por éla?**

Aonde ele foi parar...

Anda agora pelas ilhas, depois de ter percorrido quasi todo o continente, onde deixou rasto da sua passagem, aquele célebre escrivão de fazenda que Aveiro tambem conheceu, tornando-se notado pela sua falta de educação não obstante a *pose* com que se apresentava e as falinhas dôces que ás vezes tinha a encobrir-lhe a manha de que é dotado.

Antonio Augusto de Oliveira se chama o homem. E pelo que já ouvimos nem nas ilhas o querem porque não sendo susceptivel de ter emenda, lá continua a praticar tropelias de tal maneira gràves que dentro em pouco o tornarão incompativel com toda a gente que não esteja para aturar funcionarios indelicados, grosseiros e intolerantes, pois todos esses predicados concorrem no individuo a quem aludimos por fórma a não restar duvidas sobre o destino que o govêrno lhe terá de dar quando se resolver a intervir a sério e de fórma a que acabem de vez todos os abusos que no exercicio do seu cargo vai cometendo o sugeito que de toda a parte tem sido corrido.

Mas aonde havia de ir parar aquela belissima joia!...

Sessão de propaganda

O adeantado da hora não nos permite referir com toda a minudencia aquéla que ontem á noute têve logar no teatro désta cidade á qual assistiu grande numero de pessoas enchendo por completo aquéla casa de espectaculos.

Entre outros falou com a sua reconhecida proficiencia o candidato a senador por este distrito, o ilustre professor do curso superior de Letras, sr. Agostinho Fortes, que foi delirantemente aplaudido no final da sua brilhante exposição.

Dr. Adolfo Coutinho

Foi nomeado director da policia de investigação criminal de Lisboa, cargo de que tomou posse no fim da ultima semana, o sr. dr. Adolfo Coutinho, antigo delegado do Procurador da Republica nesta comarca e nos ultimos tempos juiz em Carrazeda de Anciães, onde julgou inconstitucionaes os decretos da ditadura relativos a assuntos eleitoraes.

Cumprimentâmos s. ex.ª.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A carta do ex-presidente Arriaga ao chefe do govêrno

Ex.mo sr. dr. José de Castro, digno presidente interino do ministério e ministro da guerra

Usando das atribuições que me confere o artigo 47.º n.º 1.º da Constituição Politica da Republica Portuguêsa, como chefe do Estado, acabo de nomear os novos ministros que vão gerir os negocios publicos, na crise dificil que se atravessa.

O ministério é uma pleiade de inteligentes e experimentados patriotas, em cujo acrisolado amor pela liberdade, conhecimento dos negocios e experiencia da vida e integridade de caracter pódem confiar os que anceiam pelo resurgimento da Patria, sob a égide da Republica.

Cooperou na sua formação uma junta revolucionaria, hoje denominada Junta Constitucional, cujos trabalhos, diligencias e sacrificios mereceram a minha aprovação e deles me servi, no uso das minhas atribuições.

Essa junta, porque o novo ministério está por mim constituido, desapareceu, segundo a afirmação categorica que me fez o seu presidente.

Outro tanto, srs. ministros, delibero eu fazer: resigno nas vossas mãos honestas e firmes o honroso mandato que recebi do primeiro Congresso da Republica.

Com a minha saída, mantida a estabilidade do novo regimen, ficaremos todos mais á vontade: os srs. ministros para anularem os decretos do govêrno transato, que, em verdade, estão, quasi todos, fóra do mandato restricto que eu conferi ao meu venerando amigo, general sr. Pimenta de Castro, na minha carta de 23 de janeiro, carta que tornei publica, com o firme proposito de afastar qualquer intervenção estranha, no uso das minhas prerogativas (imposição do exercito) e, principalmente, para definir o campo, extremamente restricto, desse mandato, que, no fim de contas, se resumia em evitar um conflito iminente entre o exercito e a Republica e proceder ao acto eleitoral na inteira garantia da imparcialidade de voto.

Enquanto se estiverem a substituir os decretos por mim outorgados, por outros que o vão ser tambem, alguma coisa aprenderei sobre a inconsistencia do juizo humano e a fragilidade dos seus sabios fundamentos.

Saio do poder, não só para acatar a minha propria dignidade, mas, sobretudo, a do primeiro Congresso da Republica, que me conferiu o diploma de presidente da grande Republica nascida do magnanimo movimento de 5 de Outubro.

Estou, pois, neste logar como chefe do Estado de uma Republica vigorosa, altaneira e nobre e não por um acto de tolerancia da revolução—segundo pretendiam fazer acreditar a maledicencia de uns e a ignorancia de outros.

Depondo o meu mandato, pouparei um engano de entendimento áqueles que tambem me supunham agarrado a este logar pelos lucros que dele provinham.

Saio do poder mais pobre do que entrei, porque não levo comigo emprego nem oficio, que tambem não solicito, e porque tudo o que pude apurar em quasi meio seculo de advocacia e das reservas dos meus honorarios, apezar da economia em que sempre vivi, apenas me chega para viver de acordo com os meus velhos habitos contraídos e a minha natural modestia.

A' nação nada peço e déla nada espero.

A maior compensação dos sacrificios que fiz em exercer este cargo deu-m'a o Congresso, honrando-me com os seus sufragios para primeiro cidadão da Republica, deu-m'a tambem o povo com o carinhoso acolhimento e manifestações de simpatía com que sempre em toda a parte, me recebeu, e, acima de tudo, o facto, ultimamente ocorrido, de me achar com minha familia, abandonado de todos, nos dias sangrentos da revolução, sem defêsa possivel, quando as multidões inebriadas pelo triunfo, passaram, aos milhares, pela porta da minha habitação, e não houve o mais leve desacato nem á minha pessoa nem aos meus.

Antes de terminar, devo declarar-lhes que a minha decisão de abandonar o poder fica pendente désta clausula primacial: se no vosso são criterio, com a austeridade de caracter que deve ter todo o bom republicano, julgardes que a minha deliberação póde acarretar gràves transtornos para a marcha da Republica, submeter-me-ei á vossa decisão em contrario, porque, como velho e sincéro republicano, ponho acima das minhas conveniencias e interesses individuaes as conveniencias e interesses comuns da Republica e da Patria.

Saude e Fraternidade.

Paço de Belem, aos 16 de Maio de 1915.

(a) **Manuel de Arriaga**

Atualidades

=(*)=

S. Cristovam concéde ao "Democrata,, as suas impressões sobre o proximo acto eleitoral

A aproximação dos acontecimentos eleitoraes e as suas respectivas surprêsas, prenderam na quinta-feira da semana passada, em interessante cavaqueira nesta redacção, quantos, ha falta de homens teem pegado nesta cruz—com *Pereiras* e tudo—cruz que os nossos leitores conhecem pela designação de *O Democrata* e que nós sentimos pelo seu pezo, com descanço apenas nestas amenas sextas-feiras em que o *dâmos á luz*...

Quasi noite, alguem exclama:

—Diabo: então a entrevista com o S. Cristovam? Ele raspa-se e ficâmos a vêr navios...

Indicado quem deveria desempenhar essa missão, o escolhido partiu, seguindo-se, como o leitor verá, o relato do que se passou com a execução dessa taréfa.

A pouca distancia que separa a nossa redacção da igreja de S. Domingos foi vencida rapidamente e mal penetravamos no largo do referido templo, reparámos que a porta principal, fechada já, nos indicava a da serventia lateral para onde nos dirigimos, defrontando-nos com o preclaro pastor, *riquissimo* proprietario em Agueda, motivo porque recusou a pensão que do Estado alguns mezes recebeu...

Declinada a nossa identidade e missão, franqueado o interior do templo, fomos encontrar o S. Cristovam entrouxando a colheita e esperando mais noite *para se pôr a andar*...

Dando pela nossa presença, fitou-nos e no seu olhar interrogador logo percebemos que desejava lhe dissessemos a que iamos. Trocaram-se curtas palavras de saudação e perguntámos-lhe:

—Este ano melhor receita, hein?

Fitando as canastras onde jazia o tipico produto da ignorancia dum povo, a resposta veio logo entre receioso e desconfiado:

—Cresceu o chouriço, mas mingou a brôa... O toucinho regula.

E colocando as mãos sobre os rins, empertigou-se e diz-nos:

—Se lhe parece, feito aqui espantalho ha 48 horas, sem um movimento, uma contração!..

Estou derreado das costas. Isto vai diminuindo de ano para ano e não vale a pena esta massada. E agora que fez ao serviço de entradas uma grandissima diferença a minha vinda!...

Desde que começou essa tremendissima guerra, calcule o cidadão, teve de aumentar-se com um numeroso e escolhido pessoal, aquele que tinha a seu cargo as entradas no Paraiso... S. Pedro está velho, mas sem perder o gosto pela descoberta que fez por causa da mosca... Isso tem dado cabo dele, mas não se modifica. São gostos! De fórma que eu, S. Cristovam, o Santo Hilario e outros escolhidos, fomos dados ao serviço da portaria, pois as entradas são aos milhares e o S. Pedro não dava conta do recado. Apesar de tudo, consegui que me deixassem partir e estou esperando mais noite para me pôr a caminho. E' possivel que encontre o Antonio José e que permita que eu siga com ele no aeroplano...

E' um descanço e um avanço.

Subitamente, como quem é despertado por uma ideia que lhe assalte o espirito, pergunta-nos:

—O cidadão de onde vem? Que mais pretende?

—Agradecer a bondade com que nos recebeu, as apreciaveis impressões que já trocámos e reproduzir no *Democrata* as palavras que tenho a honra de dever-lhe.

Contudo mais desejaria merecer ouvir qualquer apreciação sobre o proximo acto eleitoral, palavras que pelo valor da sua proveniencia dispertariam aos leitores do jornal um justificado e vivo interesse.

S. Cristovam, em mangas de camisa, chinêlos de trança, tendo despido a saia e desafivelado o cinto, que não tem comparação com o anterior, do qual os fivelões, de prata, déram a célebre e magnifica bandeja com que se abotoou um dos mais *conspicuos* apreciadores de coisas raras, passou as mãos por sobre a espessa barba e, como imerso num intimo sentimento, fita-nos com tal expressão, que acabou por perturbar-nos.

—Que quer que lhe diga?—exclamou afinal. De mais a mais esse jornal é lido lá em cima e as minhas palavras pódem talvez écoar desagradavelmente... O cidadão lembra-se daquele desgraçado discurso que para aí fizéram numa associação local quando de umas reuniões preparatorias para a realisação de determinadas festas na cidade? Designaram-me como o santo da... Sabe disso, não é verdade? Lá em cima, quando houve conhecimento do caso, descompozéram-me e até me perguntaram se eu era tambem da Murtoza, supondo que havia alguma desinteligencia entre a minha pessoa e o orador... De fórma que, como facilmente compreende, tenho os meus receios...

—Não vejo razão para eles, retorquimos. As exigencias extraordinarias deste periodo anormal por efeito da guerra, com todas as suas confissões e consequencias, o serviço de escrituração, que deve ser constante e aterrador, junto com os reconhecimentos e identificações, verificação de guias, etc., tudo isso não deve permitir a mais leve possibilidade sequer para um pequeno repouso e portanto vagar para ser lido o jornal.

—Não pense assim—diz-nos S. Cristovam, consultando um magnifico relogio que, elucidou, fôra oferta dum pacovio que em vesperas de casar lhe fôra pedir para que lhe não faltasse com o... amanho para casa...

—E as onze mil virgens? Onze mil, onze mil bisbilhoteiras, que nada lhe escapa! O cidadão sabe lá o que aquilo é! Eu bem lembrei alista-las na cruz vermelha e pô-las a fazer todo o serviço... Foi um barulho de tal ordem que—calcule o cidadão—desceu o velho Padre Eterno a averiguar do caso. Mas enfim deixe-me dizer-lhe: prepare-se para grandes surprêsas. Como sabe, nós, entes celestiaes, temos o previlegio de lêr nos espiritos, no interior de cada um, os seus pensamentos intimos, os seus planos, as suas ambições, as suas vaidades, antes mesmo que elas se denunciem. Mal as concebem logo as conhecemos e por isso, guarde este ramo de pinheiro que me meteram nas unhas, simulando o episodio mais milagroso da minha vida e a prova mais cabal da minha força... E' uma recordação minha e será a vara da justiça para desancar vários actores que tomarão parte na representação anunciada para a proxima semana...

A entrada do sacristão poz termo á nossa conversa.

Convidado a saír, S. Cristovam disse-nos rapidamente:

—Falaremos lá fóra.

E assim foi.

O registo dessa conversa fica, porém, para a semana.

Até lá.

APRECIAÇÕES

Da *Lucta*, referindo-se ainda á ditadura:

«O governo do sr. Pimenta de Castro podia muito bem ter remediado esse mal, se fosse um bocadinho mais inteligentemente politico, se os seus principaes inspiradores, numa tremenda borracheira de vaidade, não tivéssem perdido a cabeça—como lapuzes a quem déram champanhe numa festa patronal.»

O que são as coisas! Como se a *Lucta* não tivésse bebido tambem do champanhe dos lapuzes...

Que se trama?

Chegam até nós vagos rumores duma reunião que aí se efectuou e na qual foi, segundo ouvimos, apreciada a atitude deste jornal que não deixa, não deixará jámais de verberar a politica nojenta dos *Bichêsas, Flautas & C.ª*, que a ela assistiram na qualidade de republicanos... *prehistoricos*...

E por uma razão muito simples: é porque presâmos muito a nossa dignidade pessoal e politica, que não nos consente ter a mais leve aproximação ou condescendencia com quem só por interesse e cobardia hoje se diz correligionario dos *papoilinhas*...

Do Pará

... Sr. Arnaldo Ribeiro, muito digno director do jornal *O Democrata*:

Pedimos a publicação do seguinte, no seu conceituado jornal, pelo que lhe ficâmos sinceramente reconhecidos.

Grito de Patriotas, aos srs. Oficiaes do Exercito Português

Ao lêrmos aqui, no jornal *O Democrata*, no jornal *O Seculo*, de Lisboa, e nas correspondencias publicadas nos jornaes do Pará, especialmente na *Folha do Norte* e no *Estado do Pará*, os quaes tem dado noticias desenvolvidas dos acontecimentos ocorridos em Angola, onde os barbaros alemães, traiçoeiramente, nos invadiram o territorio, chacinando os nossos irmãos queridos, que no simples cumprimento dum sagrado dever, estavam guardando o que de direito nos pertence, nós, como Portuguêses, que ss empenham em apregoar o valôr do nosso exercito, vimos perguntar aos nossos jovens e veteranos oficiaes, se ainda haverá motivo para se retraírem, para deixarem de ir combater essa horda de malvados, que já fez verter o sangue dos nossos heroicos irmãos, de ilustres filhos de Portugal.

E' preciso lembrar os nossos antepassados—Gomes Freire de Andrade, Afonso de Albuquerque e tantos outros que a historia regista e tambem souberam honrar o nome português.

E' preciso lembrar o nome desse joven heroe que com tanta bravura soube bater-se nêssa memoravel carga dos Dragões, honrando-se a ele, honrando-nos a nós e á Patria que ele tanto ama.

Depois de todas as ofensas atiradas á nossa querida Patria por esses bóches infames, ainda haverá motivo para nos mantermos em completa neutralidade?

Basta de pusilanimidade! Que o exercito cumpra o seu dever e se o nosso auxilio lhe fôr preciso, aqui, neste canto do Brazil, encontrará centenas de portuguêses dispostos a combater pela Patria, seja onde fôr.

Quer seja na Inglaterra, quer seja na França, quer seja na Belgica, quer seja na Russia, nós, os que escrevemos este modesto artigo, iremos, e comnosco, muitos outros irão tambem.

Nésta guerra jogam-se muitos destinos e é indispensavel que os vencedores sejam os aliados.

Depois da guerra terminada, qual será a nossa situação? Os vencedores poderosos e fortes, vendo a nossa falta de caracter e cumprimento do dever, tratarão de nos julgar um povo decaído e incapaz de se governar autonomamente.

Para a frente, soldados, não exiteis! Deixai a politica! Sêde solidarios unicamente com a Patria e marchai, ide vingar a morte dos vossos camaradas que foram traiçoeiramente chacinados em Africa! Não escolheis o campo: seja na França, seja na Inglaterra, ou seja na China! E' preciso aniquilar os alemães, visto que eles nos quizeram aniquilar a nós.

João da Silva Santos Reis
Americo da Silva Castro

INSPECÇÕES

Começam no proximo dia 15 na séde do distrito de Recrutamento n.º 24 as inspecções dos mancebos recenseados no corrente ano, prolungando-se depois até ao dia 19 pela seguinte ordem:

Dia 15, inspecção de mancebos de outros distritos de recrutamento.

Dia 16, inspecção de mancebos das freguezias de Aradas, Eirol e Nariz.

Dia 17, inspecção dos de Cacia e Vera-Cruz, de Aveiro.

Dia 18, inspecção dos de Eixo, Oliveirinha e Requeixo.

Dia 19,inspecção dos de Esgueira e Senhora da Gloria, de Aveiro.

A quem competir

Chamâmos a atenção de quem competir para que, sem demora, veja o que por aí se passa com a grandêsa e pêso do pão, pois são tantas as queixas que ouvimos que se torna absolutamente indispensavel uma fiscalisação rigorosa afim de evitar abusos.

Apesar da farinha de segunda classe não ter sofrido alteração alguma de preço, o pão desta qualidade passou a ser mais pequeno e aquele que custa \$04,5 tem no seu pêso menos 80 a 100 gramas.

Um tipo de pão desta farinha que se vendia a \$09 o kilo, passou a vender-se a \$03 cada pão, mas tem vindo a diminuir sucessivamente de grandêsa e por tanto do seu primitivo pêso, que cértamente a continuar a redução ficará das dimensões de qualquer outro do de mais pequeno formato.

Nesta época de tanta e tanta dificuldade para a vida de todos, especialmente para quantos—e são o maior numero—mal conseguem ganhar para as necessidades de cada dia, chega a ser um verdadeiro crime o que se está praticando e por isso aqui fica o nosso aviso para que imediatas providencias sejam tomadas em harmonia com a gravidade do caso.

Teatro Aveirense

A escolha das engraçadas comedias—*Sopa no mel* e *4028 LX.*, para os espectaculos de 16 e 17 pela companhia do Ginasio, não podia ser mais acertada, devendo atrair ao nosso teatro todos os seus frequentadores, não só os que desejam passar duas noutes alegres, como os que apreciam a boa arte de representar.

Ha pouco ainda, quando da estreia do notavel trabalho de André Brun, *4028 LX.*, o critico teatral do nosso colêga *O Seculo*, resumia nas seguintes linhas todo o elogio désta bela peça: *urdidura complicada, interesse crescente, situações hilariantes e imprevistas, personagens grotestas, dialogos cheios de vivacidade e graça, desfecho que se não advinha e que remata excelentemente a sucessão de deliciosos achados que conservam o publico em constante gargalhada, desde que o pano sóbe até que termina a peça.*

Sobre a **Sopa no mel**, bastará dizer que é de Paul Gavault e traduzida por Mélo Barreto, para garantir do seu incontestavel valor.

A assinatura continua aberta na *Tabacaria Reis*, restando já poucos logares.

LIVROS

Creação e vida, por Redolfo Benuzzi, é um novo livro lançado no mercado pela *Livraria Internacional*, de Lisboa, e destinado a uma larga venda.

Desde que o homem, na infancia das civilizações, fez as primeiras tentativas de explicação do Universo, um perturbante problema o obsidiou sempre—o problema da vida.

O sobrenatural e o metafisico satisfizéram, mais ou menos, a sua curiosidade, como soluções ao problema da origem e aparecimento da vida na Terra.

Do seculo XVI em diante, porém uma nova via, toda luminosa, se abre á investigação dos sábios e dos filosofos. A teologia e a metafisica cedem o passo á biologia: surgem, sobre o mesmo têma, novas hipoteses e novas escolas que, por seu turno, desmoronam ao embate da critica, baseada em novas conquistas da ciencia experimental.

O laureado autor da *Criminalogia*, Rodolfo Benuzzi, não podia deixar de ser solicitado por este palpitante problema; em linguagem clara e facil, o eminente professor resume as suas idéas no volume que faz parte desta colecção.

Intitula-se este livro *Creação e Vida*, a sua aparição será, por cérto, festejada e a sua leitura, por muitos titulos util, é fecunda pelas reflexões que sugére.

Creação e Vida faz parte do XVIII volume da *Bibliotéca de Educação Moderna* e póde ser adquirido ao preço de 20 centavos brochado ou 30 cartonado em todas as livrarias quer do continente quer do Brazil e Africa para onde foi expedido.

Agradecemos ao sr. Abel de Almeida o exemplar enviado ao *Democrata*.

= Está já em distribuição o tomo n.º 12, final do primeiro volume da **Historia da Guerra Europeia.**

E' realmente digna de ser recomendada esta publicação, não só por estar habilmente elaborada mas tambem pelo relativo luxo da edição. O tomo que temos presente, além de uma linda capa a côres, de ótimo efeito, insére o Diario da Guerra, de 1 de novembro a 31 de dezembro, um bem elaborado resumo das operações destes 2 mezes e as seguintes gravuras: General Leman, defensor de Liége, soldados siberianos em trajo de inverno e o couraçado inglês *Formidable.*

Não se póde exigir mais, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

Todos os pedidos pódem ser feitos, acompanhados da importancia em vale ou selos do correio, á *Tipografia Gonçalves*, rua do Mundo, 12, Lisboa, que prontamente os satisfará á razão de 5 centavos cada tomo, franco de porte.

Necrologia

Na avançada idade de 81 anos faleceu em Lisboa o sr. Francisco da Silva Ribeiro, natural de Pinheiro da Bemposta, e que por alguns anos exerceu neste distrito o cargo de director de Obras Publicas, com residencia em Aveiro.

Era casado com a sr.ª D. Herminia Augusta Teixeira Ribeiro.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 5 de maio

O sr. Carlos Augusto Cutélo, consul português neste Estado, está cometendo actos improprios dum representante duma nação como a portuguêsa.

Bem depressa perdeu o prestigio que adquiriu no seio da colonia e não só o prestigio como o que é necessário para conduzir-se correctamente no cargo que ocupa.

E' o caso que em 26 de maio do ano de 1914 faleceu a bordo do vapor inglês *Hildebrand* em viagem de Manáos para esta cidade, o português Manuel Constante Sampaio, sendo o seu espolio, que consta de duas malas, um par de botões de punho de 1|2 libra cada um, uma letra de 50 libras, um anel com brilhantes, um relogio de ouro e 18 escudos, entregue ao sr. Cutélo.

A mãe do falecido, que reside no Porto, constituiu aqui procurador e este procurou o sr. Cutélo para haver o espolio do falecido, dizendo-lhe o consul que lhe entregava as duas malas e que o resto o entregaria em Lisboa ao ministro dos estrangeiros, visto ele, Cotélo, estar prestes a embarcar em goso de licença.

O sr. Augusto Lopes Rodrigues, na qualidade de procurador, participou o caso para a mãe do falecido afim desta obter, em Lisboa, os objectos do filho.

Do ministério dos estrangeiros alguem escreveu ao procurador daqui, com data de 23 de janeiro ultimo, dizendo que o espolio se achava afecto aos tribunaes brazileiros e que o consul português, prestes a embarcar para o Pará, trataria da solução do caso.

Depreende-se de tudo isto que o consul foi a Portugal e não fez entrega do espolio no ministério, como prometera ao procurador e não só isto como faltou á verdade quando ali disse que o espolio estava nos tribunaes daqui.

Agora, vendo-se muito instado, é que resolveu enviar o resto do espolio para Lisboa pelo vapor de 13 de abril ultimo.

Uma carta do sr. Cutélo, datada de 16 de janeiro, diz o seguinte:

Sobre o espolio de Manuel Constante Sampaio foi entregue só parte dele no consulado aonde existe atualmente, ficando este consulado de liquidar o restante com intendimento da Companhia de Navegação, por quanto as malas tinham seguido viagem até ao terminus da viagem do sr. Sampaio, tendo este falecido ao chegar ao Pará.

Tudo isto se teria evitado se a mãe do falecido não tivésse dado plenos poderes a um cavalheiro que reclamou perante a policia brazileira, etc.

Segue-se que esta questão tem dado que falar não só na imprensa como entre a colonia, que faz a devida critica.

O sr. consul está desmoralisado não só por este caso como tambem por frequentar diversões que lhe não compéte. Por isso o aconselhâmos a que se retire desta cidade porque aqui já deu o que tinha a dar...

Nós poderiamos ir ainda um pouco mais longe, servindo-nos do que disse a imprensa local, mas o que fica dito é bastante para que o govêrno português se capacite da inutilidade do consul que para cá nos mandou.

— No dia 23 de abril ultimo partiu com destino ao Rio de Janeiro, depois de se ter demorado aqui algumas semanas, o sr. dr. Lauro Sodré, idolo querido deste povo e futuro governador do Pará.

Ao seu embarque compareceram representantes de muitas sociedades e bem assim milhares de pessoas.

= A Companhia inglêsa resolveu baixar o preço das passagens para Portugal, que agora ficam a 145\$000 em 3.ª classe, visto que muitos passageiros seguiam daqui para Pernambuco, tomando ali os vapores da carreira para Lisboa por ficar mais barato.

Estavam-se a pagar por 210\$000.

= Os vapores que chegam da Europa são portadores de grande quantidade de passageiros, muitos dos quais veem pela primeira vez.

E' para lamentar que o govêrno português deixe embarcar essa gente que não sabe para onde vem, julgando que a arvore das *patacas* ainda cá existe.

Temos dito por diversas vezes que a crise cada vez aumenta mais, que muitas casas comerciaes estão fechando e que a miseria é desoladora não só aqui, como em todo o Brazil. Mas como se isso fosse pouco, para maior desgraça temos cá agora, lavrando com intensidade, a febre palustre que tem feito já grande numero de vitimas.

Vão vendo.

= Alguem mal intencionado anda propalando a proxima extinção do Centro Republicano Português, derivada da falta de receita. Para tratar do assunto está convocada uma reunião da assembleia geral que deve ter logar no proximo dia 14.

Podemos, porém, garantir que o Centro ainda não é desta que vai apezar de alguns socios o desejarem.

E dizem-se patriotas...

C.

Angeja, 4

Consta-nos que se pretende praticar uma infamia, que é fazer a venda duma faixa de terreno pertencente ao edificio escolar e destinado ao recreio dos alunos, terreno que, se não estamos em erro, foi comprado por subscrição publica para esse efeito, a quando da estada no governo civil deste distrito do sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

Não póde ser e contra isso desde já lavramos o nosso veemente protesto.

Até parece que estamos no tempo em que se dividiu o Calvario, o lavadoiro da Costeira e do ribeiro e tantos outros lugradouros que os pobres désta terra tinham e dos quaes ficaram desapossados déssas regalías.

Pois bem: é preciso que todos os nossos conterraneos obstem por todas as fórmas a que se cometa mais este atentado, defendendo esse bocadinho de terreno que hade servir de recreio e distracção aos nossos filhos.

M.

Rio Grande do Sul, 25 de Abril

Os ultimos jornaes de Aveiro trouxéram-nos a triste noticia do falecimento do nosso amigo e cunhado Manuel Evaristo Luiz Ferreira, de Nariz.

A morte de Manuel Evaristo, que contava muitas dedicações, a todos deixou consternados, tão forte foi o choque que, de subito, nos feriu. Manuel Evaristo apenas tinha o defeito de ser bom, um protetor dos pobres.

Morreu muito novo ainda, pois contava pouco mais de 40 anos.

Apezar da fortuna que possuia

AVEIRO

nunca militou em partido politico algum, prestando, porém, bastantes serviços á sua terra como membro da junta de paroquia da qual fez parte diversas vezes. Depois de implantada a Republica sempre acompanhou o seu muito amigo e considerado Manuel dos Santos Silvestre, que se filiou no partido democratico e junto com este fazia atualmente parte do senado aveirense. Embora tarde, em nome dos seus amigos aqui residentes, o autor déstas linhas envia a toda a familia enlutada e sobre tudo aos srs. Manuel dos Santos Silvestre, de Nariz e Evaristo Luiz Ferreira, de Eixo, a expressão sincéra das suas condolencias.

=Após alguns dias de verdadeiro inverno tornou o bom tempo que bastantes beneficios traz á vida agricola.

=Foi muito festejado aqui o 128 aniversario da execução de Tiradentes, o martir das ideias liberaes.

=O Cambio fechou hoje a 315.

Guilherme Francisco Luizo

Requeixo, 24 de Maio

(Retardada)

Em viagem de recreio foram no preterito domingo a Coimbra, os nossos amigos Manuel Antonio da Silva, Alfredo José Fernandes, José Augusto de Oliveira e Joaquim Marques de Oliveira, do Carregal, donde regressaram na segunda-feira seguinte, satisfeitos pelo que viram e gosaram na historica *Luza-Atenas*.

=Reina por esta freguezia grande descontentamento entre os monarquicos. Quebrada a corda ditatorial, de ignominiosa memoria, recolheram as suas *munições* aos arsenaes e ei-los mais mansos que cordeiros, dando outra orientação á sua... fé restauracionista, tratando de se inculcar republicanos e republicanos democraticos, para, segundo dizem as más linguas, terem a contemplação possivel em harmonia com a sua *dedicação* pela Republica.

Como temos por principio não atirar para publico com informações menos verdadeiras, voltaremos ao assunto, sem esquecer o nosso director espiritual, que, segundo nos afirmam, pretendeu incutir-se no espirito dum militar que tem sido *republicano evolucionista* dando-se por infastiado com a orientação desse partido.

Ora... bólas. Bólas ou bôlas, que isto de republicanismo em tal pessoa tem muito que se lhe diga.

C.

Alquerubim, 24 de maio

(Retardada)

Foi dissolvida a Junta de Paroquia desta freguezia e nomeada uma comissão de cidadãos monarquicos para a substituir.

No dia da revolução, e já á hora que esta tinha triunfado, apresentou-se a nova comissão para tomar posse, que o presidente da Junta dissolvida não lhe quiz dar. Essa posse foi dada pelo sr. administrador do concêlho. Foi lavrada uma acta e foram trancadas as portas pela nova comissão que se apassou do livro das actas e da chave da porta, o que tudo mandou entregar pelo sr. administrador do concelho no dia 19 do corrente, dia em que teve logar a reintregração da Junta dissolvida. Os senhores da *nova junta* só entraram na sala das sessões para lavrarem a acta da *sua posse* e nunca mais apareceram. O lindo foi que, na primeira instrucção para a junta dar a posse á comissão nomeada, marcaram-se as 2 horas do dia 12. A junta dissolvida cumpriu, pois que ás 2 horas da madrugada estava á porta da sua séde, e, como ninguem aparecesse, retirou-se.

A's 14 horas apareceu o sr. administrador e lá foram para tomar posse. A junta não apareceu e eles tivéram de retirar, voltando novamente no dia 15. No dia 19 entregaram o livro e a chave da porta ficando a nova comissão *sem efeito!*

Uma comedia...

C.

Idem, 25

Tomou ontem posse do cargo de regedor desta freguezia o sr. José Saraiva, honrado lavrador. Tambem ha dias tomou posse do logar de administrador deste concelho o sr. Vicente Faca, proprietario.

Estâmos cértos de que, tanto um como outro, hão-de exercer os seus cargos com toda a seriedade, fazendo justiça em tudo quanto tenham de intervir. Não são homens de vinganças e por isso as suas nomeações foram bem recebidas pelos republicanos e amaldiçoadas pelos monarquicos.

= Parte hoje para o Porto a sr.ª D. Adozinda Amador, acompanhada por seu pae o sr. M. M. Amador.

= Faleceu nesta freguezia a sr.ª Mariana Corrêa.

= Continuam as obras da igreja administradas pela junta que foi dissolvida e depois reintregrada—a tal junta de *pobretanas* como dizia um dos da junta *nova*...

C.

Idem, 7 de Junho

Estreou-se ontem nesta freguezia a Companhia Dramatica Carmo. Levou á cêna um lindo drama e várias comedias que não podiam agradar mais. A companhia é composta do sr. Francisco Carmo, sua esposa e cinco filhos, apresentando-se muito bem, inclusivamente umas creanças. Sabem bem pizar o palco e por isso agradaram muito. Era tal o entusiasmo na plateia, que tivéram de ser bizados alguns numeros do espectaculo. De todas as companhias que aqui tem vindo, é esta a que melhor se apresenta. Vão dar mais recitas e a concorrencia hade ser grande, porque vale a pena vêr como a companhia se apresenta.

C.

CAMARA MUNICIPAL DE OVAR

CONCURSO

A Câmara Municipal do concelho de Ovar faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Govêrno*, para provimento da vaga do lugar de chefe da secretaría désta Câmara com o vencimento anual de 240$00, pago em duodécimos.

Os concorrentes deverão apresentar durante o referido praso, na secretaría da Câmara, os seus requerimentos instruidos em conformidade do decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Ovar, 28 de Maio de 1915.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Valente de Almeida

COMANDO MILITAR DE AVEIRO

Faz-se publico que está aberto concurso por espaço de quinze dias, que termina em 21 do corrente mez, entre os facultativos milicianos e civis, para durante o ano economico de 1915-1916, e na ausencia dos facultativos militares, prestarem o serviço clinico nos regimentos de Cavalaria n.º 8 e Infanteria n.º 24 e respectivas enfermarias.

As condições estão patentes todos os dias das 11 ás 13 horas, na secretaría deste comando.

Comando Militar de Aveiro, 5 de Junho de 1915.

O Comandante Militar

José Cristiano Braziél

Coronel de inf.

CASAS NA BARRA

ALUGAM-SE

A Junta das Obras da Barra e Ria de Aveiro aluga, para a próxima época balnear, todas as casas que tem na Praia do Forte.

Os pretendentes devem formular as suas propostas em carta fechada, dirigida ao ex.mo Governador Civil, presidente da Junta, indicando o preço que oferecem, a casa que desejam e o mês ou mesês por que se propõem fazer o aluguer, cabendo á Junta resolver em sessão o que houver por conveniente em face das propostas, que devem ser entregues pelos interessados até 25 do corrente.

ANUNCIO

Direcção das Obras Publicas do distrito de Aveiro

Fornecimento dos artigos para expediente durante o ano economico de 1915-1916

Fáz-se público que, no dia 22 do corrente mez de Junho, pelas 12 horas, na Secretaría désta Direcção e perante a respectiva comissão presidida pelo abaixo assinado, se receberão propostas em cartas fechadas, para a adjudicação do fornecimento de artigos para expediente

O deposito provisorio que os concorrentes teem de efectuar para poderem ser admitidos a licitar é de 8$00 para cada grupo e o deposito definitivo será de 20$00.

As condições da arrematação acham-se patentes na Secretaría désta Direcção, todos os dias não feriados, desde as 10 horas até ás 16.

Aveiro e Secretaría da Direcção das Obras Publicas, 9 de Junho de 1915.

O Engenheiro Director,

Manuel Maria Lopes Monteiro